O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Estado do Paraná
Secretaria de Estado de Educação

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
UNESPAR - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CÂMPUS DE CAMPO MOURÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

MUSEU COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO:
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Artigo Final apresentado à Universidade Estadual do Paraná - Câmpus de Campo Mourão - UNESPAR e à Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED, como requisito para conclusão da participação no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, sob orientação do Professor Dr. Fábio André Hahn.

CAMPO MOURÃO

2012

MUSEU COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO: POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Autora: *Tânia Fátima Moura Staniszewski*[1]
Orientador: Fábio André Hahn[2]

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar os resultados segundo uma experiência didático-pedagógica no uso do museu como possibilidade para o ensino da história local. A pesquisa foi realizada com os alunos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Dr. Osvaldo Cruz, Ensino Fundamental e Médio, Campo Mourão - PR. De modo a romper o vício de usar exclusivamente o tradicional livro didático, a ideia foi trabalhar a partir de uma história crítica dos atos e fatos históricos por meio da história do cotidiano, com novos conteúdos vinculados à vivência do aluno. Nesse caso, as atividades foram complementadas por visitas aos patrimônios históricos da cidade, entre eles o museu, tornando esta ação uma forma interativa de ensino, permitindo o aluno se entender como sujeito e cidadão da sua cidade e da história.

Palavras chave: Ensino de História; Museu; Patrimônio histórico; Campo Mourão.

1 Introdução

O ensino de História em muitas escolas ainda permanece estático e distante, mas, em vista das mudanças históricas ocorridas e influenciadas pelos meios de comunicação, vê-se que é preciso criar metodologias mais dinâmicas e interativas.

A História é escrita e reescrita permanentemente, o que gera, necessariamente, uma reformulação contínua dos métodos e técnicas de ensino,

---

[1] Tânia de Fátima Moura Staniszewski é licenciada em Geografia pela Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão e Licenciada em História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Tem pós-graduação em Geografia, área de concentração "Planejamento Geo-ambiental" e História, área de concentração "O Ensino de História no Fim do Século XX"

[2] Fábio André Hahn é docente do curso de História da Universidade Estadual do Paraná – Câmpus de Campo Mourão/Fecilcam. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ).

levando obrigatoriamente ao desenvolvimento e observação de novos objetos, novos problemas e novas abordagens.

Faz-se necessária a busca por novas estratégias para o desenvolvimento do processo educacional, pois o ensino para jovens com grande acesso às mídias e às informações é um desafio para os professores. Um primeiro desafio parece ser a explicitação da razão de ser da disciplina na busca de atendimento aos anseios dos jovens que sempre perguntam: “Por que estudar história? Por que estudar o passado?”.

Muitos outros questionamentos surgem ao longo da formação estudantil. O professor de História deve fornecer elementos para que ocorra a compreensão de que todo indivíduo é ator social e deve fazer uma leitura crítica da sociedade em que vive.

Diante disso, é preciso fazer com que o aluno se sinta parte da história e uma alternativa é o estudo da história local, privilegiando o particular, sem desprezar o geral, numa contemplação entre ambas. O ensino da história local se apresenta como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pois trabalha fatos históricos mais diretamente próximos das relações que se estabelecem entre educador/educando/sociedade. O local é o espaço primeiro onde o ser humano atua e por isso o ensino da História local deve oportunizar a reflexão constante sobre as relações das pessoas que vivem ali como sujeitos históricos e cidadãos.

O estudo da história local se configura como espaço para construir reflexão crítica da realidade social, pois os conteúdos encontrados nos livros didáticos não mantêm relação com a realidade dos alunos, muito menos com o processo de construção de suas identidades, tratando de forma estanque e sem sentido estes conteúdos.

Por isso, foi proposto desenvolver o estudo das possibilidades do ensino de História por meio do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira de Campo Mourão, demonstrando as possibilidades do ensino dessa disciplina por meio de museus, a fim de propiciar uma reflexão sobre as diferentes fontes históricas e sobre a importância da história local por meio de atividades a serem desenvolvidas com os alunos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Dr. Osvaldo Cruz, Ensino Fundamental e Médio. Entre as atividades estão: observação, estudo e análise de alguns objetos selecionados no museu, seguidos de coleta de objetos da comunidade, os quais foram expostos na escola, acompanhados de explicações e

de fotos do museu, e de *banners*, de forma a estimular a comunidade escolar a pensar a História de forma diferente, tornando a história local parte da cultura escolar.

Além dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, foi também realizado um grupo de trabalho em rede que envolveu quinze professores da área de História da educação pública do Estado do Paraná. Os trabalhos se deram *on-line*, em formato de Educação a Distância, tendo o professor pesquisador como tutor do grupo. Nessa oportunidade, foi disponibilizado o projeto de pesquisa e o material didático produzido em formato de Unidade Didática. O grupo fez a análise e a implementação do trabalho em suas escolas, realizando apontamentos e avaliando a viabilidade da proposta.

2 Uma Possibilidade: o Patrimônio Histórico no Ensino de História

Patrimônio histórico se refere a um bem móvel, imóvel ou natural com valor estético, artístico, documental, científico, social, espiritual ou ecológico para uma sociedade. Os museus, ao desempenharem a função de centros agregadores do patrimônio cultural e social, possibilitam o contato do visitante a um universo de conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo de sua história.

No desenvolvimento das leituras sobre o ensino de História, chamou atenção a observação feita por Selva Fonseca (2003, p. 71) ao se referir aos professores de História. Segundo esta autora, os professores com seu modo de ser, pensar, agir e ensinar transformam seu conjunto de saberes em conhecimentos a serem ensinados, portanto fazem com que os alunos compreendam, assimilem, incorporem e reflitam sobre o aprendido, numa reinvenção permanente.·.

Com base nas leituras feitas e práticas em sala de aula considera-se que ensinar História é agir em função de metas e objetivos conscientemente perseguidos no interior de um contexto de atuação educacional, permeados pelos desafios cotidianos. Nota-se que muito se aprende, por exemplo, em uma visita a um museu. A visita guiada ao museu deve ser um processo planejado. Devendo as atividades introdutórias, serem realizadas ainda na escola. No museu, devem ser observados e registrados fatos, falas dos alunos e reflexões feitas para mais tarde serem

analisadas em sala de aula, dando continuidade a outros trabalhos e discutindo como se pode viabilizar uma proposta de ensino de História, centrada no estudo do museu como patrimônio histórico, portanto, conforme Fonseca (2003) uma forma de reinvenção permanente do ensino.

Pensando nisso, é que se decidiu recorrer ao museu como um meio, um recurso para o ensino de História, tendo ciência de que a ação educativa em um museu não se centra apenas nas exposições, mas nos vestígios do passado representados de diversas formas como suportes fundamentais que permitem aproximar o aluno do passado, levando-o a compreender-se como sujeito da própria história.

Para avaliação da relevância e viabilidade de uma ação educativa no desenvolvimento da atividade com o museu, decidiu-se fazer uma visita técnica para realizar um estudo prévio e coletar informações possibilitando o desenvolvimento do projeto de intervenção bem como o planejamento e a aplicação das estratégias de ação com a turma selecionada para aplicação do projeto. O museu visitado no qual serão aplicadas as atividades do projeto com os alunos é o Museu Municipal “Deolindo Mendes Pereira” de Campo Mourão.

Este museu está instalado há muitos anos junto a Biblioteca Municipal na Avenida Capitão Índio Bandeira. O Museu histórico só começou a ser reconhecido na forma organizacional a partir de 1991, abrigando parte da memória e da história da população da região de Campo Mourão, tendo diversos registros realizados, entre os quais entrevistas e peças históricas.

Museu é a instituição que trabalha e vive aspectos significativos do patrimônio natural e cultural da humanidade, por meio da visão crítica de seus agentes. É a instituição que revela uma parcela das mudanças históricas, o ritmo de criação, aspectos da sua história. O museu é a representação de um dado momento histórico, sendo que a imagem dominante é sempre a das pessoas, através dos seus bens culturais (CRUZ, 1992, p. 44).

Para Meneses (1997), é o historiador que faz o objeto falar,

> O que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático. É, pois, a questão do

> conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala.

Entretanto, a produção de pesquisas e materiais de ensino sobre os museus ainda é inexpressiva, mas tem uma realidade rica e dinâmica que se pode vivenciar nessas instituições culturais, colaboraria sem precedentes na capacidade reflexiva dos alunos sobre a História. A obra “Museu: Reflexões” de autoria do professor Maury Rodrigues da Cruz (1992), já citada, que foi lançada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, é uma das contribuições para o estudo dos museus como mecanismo para o ensino de História. Cruz (1992), numa proposta original, procura em uma nova metodologia para o ensino da disciplina, analisar o saber histórico na sala de aula e nortear a prática sobre a política de preservação do patrimônio histórico brasileiro.

O ensino de História permaneceu por muito tempo estático e distante. Nos últimos anos, com mudanças históricas ocorridas e influenciadas pelos meios de comunicação, vê-se que é uma necessidade urgente criar metodologias mais dinâmicas e interativas. Essa mudança está diretamente ligada à metodologia adotada nas aulas, fator que influirá na aprendizagem e no gosto dos alunos pela matéria.

Exposto isso, a necessidade da busca prazerosa por estratégias para o desenvolvimento do ensino de maneira cativante, passa, nesse caso, pela escola do trabalho com o museu como uma forma e estratégia de ensino de História.

O desafio posto ao professor de História na atualidade é levar o aluno a vencer o desinteresse e a apatia nas e pelas aulas, portanto, algumas mudanças são imprescindíveis, como, por exemplo: romper a tendência ou vício de usar exclusivamente o tradicional livro didático, mas partindo para uma história crítica dos atos e fatos históricos por meio da história do cotidiano, com novos conteúdos, vinculados à vivência do aluno, nesse caso, complementado por atividades como visitas ao patrimônio histórico da cidade, entre eles ao museu, tornando essa atividade uma forma interativa de ensino, permitindo ao aluno se entender como sujeito e cidadão da sua cidade e da História. Como já exposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9394/96, no seu artigo 26, a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio, deve observar as

características regionais e locais da sociedade e da cultura, o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino de História local, voltada para a divulgação do acervo cultural dos municípios e Estados.

Fazer história local, conforme Cesar Augusto Jungblut (2008, p. 44 - 46) é privilegiar o particular, sem desprezar o geral, numa contemplação entre ambas. A temática se constitui em uma proposição expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais, sob a denominação: História Local e do Cotidiano, no eixo temático, referente aos conteúdos para o primeiro ciclo, portanto, efetivando-se no âmbito da Escola Fundamental. O ensino da história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pois trabalha fatos históricos mais diretamente próximos das relações que se estabelecem entre educador/educando/sociedade.

O autor anteriormente citado, alerta que o local é o espaço primeiro onde o ser humano atua e por isso o ensino da história local deve dar oportunidade para refletir sempre sobre as relações das pessoas que vivem ali como sujeitos históricos e como cidadãos.

Percebe-se que da maneira como se trabalha a articulação do conteúdo de história local nos exercícios propostos, normalmente é na perspectiva de os alunos completarem as lacunas com elementos que venham a caracterizar o município, nome do prefeito, símbolos e hino do município, que isso é feito. Esse tipo de trabalho só perpassa uma concepção de história factual e personalística, mas de modo nenhum contribui para análise de questões locais do cotidiano dos estudantes.

Posto isto, e refletindo sobre tudo o que se leu, justifica-se o repensar do ensino de História, procurando fazer com que a história local faça parte da cultura escolar, nesse caso em específico, estimulada pela proposta de visita e análise do museu como patrimônio histórico, aproximando a história local do ensino de História e da sua própria realidade, reforçando o sentimento de pertencimento dos sujeitos na História.

O Decreto-Lei n° 25, de 30 de novembro de 1937, já se preocupou com a organização e proteção do patrimônio histórico e artístico nacional o que demonstra a relevância desse tema para o país (BRASIL- **DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937).** A importância de proteger essas manifestações culturais, que não são palpáveis, é preservar para as gerações futuras a identidade da comunidade em um dado momento histórico. Essa proteção se faz registrando a

maneira da comunidade se expressar seja pelas celebrações, por seus modos de fazer, seus conhecimentos ou por suas manifestações artísticas.

Segundo Ribeiro (2005, p. 111), o patrimônio histórico adquire sentido quando o grupo o reconhece como indicador de importantes etapas da aventura humana na terra. Desta maneira, pode ser compreendido como um bem material, natural ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, documental ou estética para a sociedade. Por ter sido construído ou produzido pelas sociedades passadas, representando uma importante fonte de pesquisa e preservação cultural.

Conforme destaca Ribeiro (2005, p. 111), “patrimônio remete ao passado, porém, ele não pode ser avaliado apenas à luz do que representou”. É preciso reconhecer novos usos e perspectivas de interação com a sociedade que o define a partir de elementos que compõem sua identidade cultural.

Dessa forma, deve-se deixar bem claro que patrimônio não é necessariamente tudo aquilo que determinada sociedade considera significativo no presente, mas também o que foi importante no contexto do passado. Consequentemente, não é apenas o belo, o grandioso, o heroico, mas também é o corriqueiro, o cotidiano e o simples. Assim, o uso do conceito de patrimônio requer cuidado, pois pode estar legitimando estruturas sociais conservadoras e subestimando outros fatores.

Schmidt e Cainelli (2010) destacam que na Constituição Federal promulgada em 05 de outubro de 1988, em seu artigo 216, estabelece que: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação [...]”..

Ao falar a respeito de patrimônio histórico não é bom que se pense apenas o patrimônio arquitetônico, mas também o documental, arquivístico, bibliográfico, hemerográfico, iconográfico, oral, visual, museológico, enfim, o conjunto de bens que atentam a História de uma dada sociedade. Condizente a isso, pode-se assim afirmar que o museu de Campo Mourão é patrimônio histórico.

Horta (2000) sugere que para discutir a Educação Patrimonial o professor deve utilizar objetos culturais na sala de aula, ou nos locais onde são encontrados, na casa do aluno, em visitas e passeios a lugares de interesse, como peças-chave no desenvolvimento do currículo e não só como ilustração das aulas. Isto é complementado pelas recomendações de Fonseca (2003, p. 89), que destaca ser preciso pensar a disciplina de História como “(...) disciplina fundamentalmente

educativa, formativa, emancipadora e libertadora". Ele entende que a História tem papel central na formação da consciência histórica das pessoas, dando possibilidade de construção de identidades, elucidação do vivido e intervenção social.

Assim, destaca Meneses (2000, p. 94) que "a identidade e a memória são ingredientes fundamentais da interação social, presentes em quase todos os seus domínios" – e, por isso, não poderiam em hipótese alguma estar ausentes dos museus que pretendam dar conta dos aspectos fundamentais de uma sociedade viva no presente ou no passado.

Em síntese, a temática do patrimônio histórico deve ser apropriada como objeto de estudo no processo de ensino - aprendizagem de História e baseando-se em tal ideia, enfatizando o museu como parte do patrimônio histórico e como meio de estudo da história local.

2.1 O Museu Enquanto Ambiente de Aprendizagem Escolar

O museu pode ser conceituado como toda instituição pública ou privada em que são reunidas, classificadas e expostas coleções de obras, objetos e documentos de interesse histórico, técnico, científico ou artístico.

Kerriou (1992) destaca que para os historiadores a origem da palavra museu vem do grego *museion*, que era o lugar onde se recolhiam os conhecimentos da humanidade, ao qual tinham acesso os grupos dirigentes e os letrados da época.

O museu vela pela conservação do acervo e oferece ao público, que dele usufrui, o objeto de estudo. Um museu é na definição do *International Council of Museums* (ICOM, 2001):

> Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

Museu também pode ser definido como instituição permanente, sem fins lucrativos, que adquire, preserva, documenta, pesquisa e comunica para educação e lazer.

As atividades que se realizam em um museu são muitas. Os museus através de seus agentes dinamizam toda a sua estrutura organizacional e funcional para alcançar seus objetivos num processo intenso, contínuo, que lhe confere unidade. Para Cruz (1992, p. 29):

> O museu será sempre agência viva da sociedade, da cultura, coletando, conservando, preservando, expondo, contextualizando os bens culturais por meio do estudo, da pesquisa e da divulgação, vinculada a todo o sistema social.

Conforme Adriana Mortara Almeida (1997, p. 50), educadora do Museu de Arqueologia e Etnologiada USP, há muitas maneiras de agrupar os museus. Por exemplo: a) esfera responsável- público, privado; federal, estadual, municipal, universitário; b) tipo de acervo - antropologia, arte contemporânea sacra, biológico, histórico; c) áreas de pesquisa - antropologia, arte, arqueologia, herpetologia, saúde pública.

Cesar Augusto Jungblut (2008, p 44-46) alerta que museu deveria ser visto como uma ferramenta básica para o homem estudar e compreender a história, por isso, o ensino da história local deve dar oportunidade para observar, refletir e discutir entre seus iguais, aluno com aluno, e depois este com o professor, resignificando seus valores, dando o destaque para que o aprendiz manifeste seu interesse dentro do museu.

Observando a postura e o interesse do aluno, o professor poderá auxiliá-lo instigando a curiosidade, favorecendo o despertar da imaginação**.** Isso faz com que o aluno se sinta sujeito de sua história. Segundo Baller (2007, p. 10): “A valorização dos referenciais locais, em oposição à globalização, cobre de importância a sustentação de identidades que possibilitem às pessoas a referência ao seu lugar e ao seu grupo de pertencimento”.

Nesse sentido, é tendência nos museus contemporâneos utilizar-se cada vez mais desse espaço para a apresentação de temas históricos, dos recursos

tecnológicos integrando a tecnologia com as fontes táteis, visuais e orais. Tornando-se espaços cada vez mais democráticos, consegue-se assim atingir diferentes tipos de público.

A interrelação dos museus com a história oral e com a mídia eletrônica tem oferecido instrumentos que possibilitaram aumentar o seu público, alcançando assim audiências globais, tornando-os cada vez mais acessíveis e com públicos bem mais diversificados. Além disso, os museus não devem fazer rompimentos radicais, em vez disso, a tendência tem sido de reconceitualização dos espaços dos museus para serem mais interativos e abertos, porque, entre outras razões, devem reconhecer a continuidade de práticas e meios de comunicação passados.

O uso da história oral em museus contribui para o enriquecimento e estimulação das habilidades mentais e emocionais, psicológicas e sociais do indivíduo, proporcionando um maior questionamento e análise da síntese histórica apresentada, facilitando o diálogo com o passado.

Segundo Ramos (2004, p. 24), pode-se concluir que dentro destes espaços cada vez mais democráticos e de suas utilizações, como novas fontes táteis, visuais e orais, tem-se alcançado o verdadeiro objetivo desses espaços e dos conteúdos da interdisciplinaridade da geografia, sociologia e principalmente da história e das ciências afins, ou seja, uma maior compreensão e interação dos indivíduos que visitam o acervo histórico ali apresentado. Não basta visitar a exposição. É preciso colocar a exposição como parte de um programa educativo mais amplo, que inclui a questão das visitas monitoradas e a relação do museu, com a sala de aula e outros espaços. Desse modo, é responsabilidade do museu histórico manter estratégias de orientação para professores.

Faz-se necessário propor visitas temáticas, sem privilegiar aspectos específicos, depois podem ser trabalhadas ideias de construções problemáticas a partir do tema, desenvolvendo, na sala de aula, indagações específicas sobre as peças em exposição. Além de oferecer possibilidades para despertar o interesse da turma, os questionamentos devem fazer parte do que está sendo ensinado. Procurando ampliar a própria noção de História, na medida em que se induz a questionamentos sobre a complexidade de nossa inserção nos processos históricos.

Ulpiano Bezzera de Meneses (2000, p. 97) levanta alguns questionamentos sobre o papel dos museus. Para ele, “o museu para desempenhar consciente e eficazmente seu papel educacional, precisaria que fosse reconhecido como um

lugar, por excelência, mais de perguntas, do que de respostas". Segundo Meneses (2000) "(...) se o museu quiser educar, não pode deixar de trazer à tona sempre que possível a parte não visível do iceberg".

Desta forma, ao se propor atividades educacionais relacionadas ao museu, deve-se cuidar para que estas não criem ilusão ou sejam danosas, e não atinjam os objetivos propostos de ampliar conhecimentos através da significação e ressignificação dos objetos.

A visita ao Museu deve ser encaminhada com o objetivo de desenvolver atividades pedagógicas, exigindo do professor toda uma organização prévia, com estratégias de trabalho planejadas antecipadamente.

Kramer (1998, p. 199-215) afirma que:

> Mais importante no museu não é o que vemos, mas o modo de olhar que construímos entretecido de razão e sensibilidade, o que decorre, não do que se faz no museu, mas do que se faz com o museu. Trata-se de 'educar com museu', não no sentido de 'por seu intermédio', o que colocaria todo o peso dessa ação no polo instrumental, mas no sentido de parceria, isto é, de algo que se faz junto. O centro de gravidade desta concepção é a interação, mas ela, sozinha, não explica nem sustenta o quão educativo pode ser um museu, se não estiver filiada a uma perspectiva epistemológica construtivista, cujo filamento teórico principal é geração de conhecimento baseada na troca que produz transformações em ambas as partes envolvidas.

Ao realizar tal trabalho, o professor deve estar sempre refletindo e discutindo os conceitos presentes no museu, tais como: memória, patrimônio cultural e outros, levando assim, o aluno à reflexão de que o acervo do museu não é constituído por simples objetos antigos. Mas se tornam documentos – fontes de informações – representando uma memória considerada digna de preservação.

Os objetos do museu possibilitam ao aluno comparar o avanço da tecnologia com o valor sentimental, conhecendo uma visão de História mais humana em que todos são sujeitos e não meros expectadores. Sendo assim, as possibilidades de uma educação direcionada para o museu é uma fonte inestimável de informações para professores e alunos que traz para a escola uma infinidade de possibilidades de trabalho.

3 Uma Experiência com o Museu

3.1 Etapa de Preparação do Grupo e Aproximação com o Tema

A experiência realizada ocorreu junto aos alunos do 2° Ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Dr. Osvaldo Cruz, Ensino Fundamental e Médio de Campo Mourão-PR, por meio de um projeto de intervenção, o qual tinha como proposta desenvolver um estudo demonstrando as possibilidades do ensino de História por meio de museus. A pesquisa foi desenvolvida com um total de 30 alunos.

Para iniciar as atividades, foi aplicado um questionário (ANEXO 1 e 2) junto aos alunos sobre o que eles entendiam por Museu, Patrimônio Histórico e História Local. Nesta mesma direção, também foi realizada discussão sobre a importância destes temas, tendo por base textos e vídeos, procurando desenvolver a reflexão a fim de provocar o conhecimento e valorizar o patrimônio histórico e suas manifestações.

Através dessas diversas análises e reflexões, foi possível confirmar, juntamente com o grupo de alunos, que o museu é um lugar de memória e se constitui em um espaço de conhecimento na medida em que o professor e os alunos compreendem os significados do acervo, seja cultura-material ou imaterial ali exposta. Este passa, na maioria das situações, uma visão da história, seja esta local ou regional, pois está vinculado a quem e para que foi constituído esse espaço de memória e História.

A simbologia presente nos objetos do museu remete aos princípios de uma sociedade, muito embora caracterize uma evolução cultural conquistada por determinado grupo ao longo do tempo. Foram desenvolvidas também, atividades para refletir sobre as imagens dos Museus: Museu Imperial, Museu Deolindo Mendes Pereira e Museu Niemeyer. Também, a respeito de objetos fotografados do Museu “Deolindo Mendes Pereira”.

Concluiu-se que as imagens e os objetos de um museu se constituem fontes históricas, documentos, e remetem ao passado olhado pelo presente, que revelam o quotidiano de um povo, suas possibilidades materiais e intelectuais de transformar a natureza e produzir diferentes estilos de vida.

Em seguida, foi proposta uma discussão sobre o tema: “Como aprender História por meio dos Museus”. Concluiu-se que, o ensino de História não deve ser restrito somente ao livro didático e à sala de aula, pois esta é uma época que proporciona muitos mecanismos, como vídeos, áudios, informática, visitas a museus, teatros, cidades históricas e outros, para que, desperte nos educandos o interesse pela História. Foi sugerido pelo grupo de alunos, que o professor desse sequência à essa prática, porém, não se atendo à pesquisa com questionários mas sim com atividades mais práticas como foi o caso da visita ao museu.

Também foi realizada a leitura da apostila: “Narrativas urbanas: fotografia e memória de Toledo”, de autoria de Reginaldo Aparecido dos Santos. Através desta leitura, os alunos e o professor envolvidos concluíram que com eles acontecia processo semelhante ao que aconteceu com Reginaldo Aparecido dos Santos, em cuja pesquisa se confirmou que o nome do museu de Toledo foi parte constituinte da construção de um mito político, Willy Barth. E, segundo o autor, a referência a um passado específico, que valoriza pessoas específicas, no caso a figura de Willy Barth e, consequentemente, da MARIPÁ e o processo “colonizador”, constitui-se em eixo norteador na constituição do museu. A pesquisa de Santos objetivava conscientizar a população da importância de preservar a sua história, seus costumes e sua tradição num trabalho contínuo de preservação do patrimônio histórico local. Ou seja, o museu exercia uma dupla função: estabelecer-se enquanto museu, lugar de memória e, ao mesmo tempo, como arquivo público preocupado em reunir pesquisas futuras. O museu assim resultou de ações preservacionistas e da mobilização de determinados grupos sociais.

Na sequência desta pesquisa, trabalhou-se um texto sobre a ocupação de Campo Mourão e o Museu “Deolindo Mendes Pereira”. Foram realizadas pesquisas através da internet e entrevistas com moradores de Campo Mourão, de acordo com questionário específico (ANEXO 3).

Confrontando as informações do texto com as que foram levantadas na entrevista, como compilação destes dados, os alunos elaboraram uma linha do tempo, com os principais fatos da história de Campo Mourão. Foi um momento de comparação de informações.

3.2 Visitação ao Museu

A realização de uma visita ao Museu Deolindo Mendes Pereira, em Campo Mourão, para melhor orientar este trabalho, durante a visita, os alunos responderam a um questionário (ANEXO 4). Os alunos prestaram atenção à explicação do museólogo que os acompanhava, observando os objetos antigos. Mostraram-se críticos e participativos. Observaram e fotografaram os objetos históricos preservados, fazendo descrição geral, indagando a origem dos materiais: Quem fez? Para que foi usado?

A intenção da professora pesquisadora, através de visitas ao museu, foi possibilitar aos alunos acesso à fontes históricas diversificadas de conhecimentos, para a construção do seu próprio saber, podendo-se tornar um cidadão crítico e transformador da sociedade em que vive. Isso se confirma nas palavras de Martha Marandino (2012) quando afirma que a experiência da visita ao museu, sob o ponto de vista do tema de aprendizagem, pode abrir espaço para a participação de alunos que geralmente não se manifestam na sala de aula e dar oportunidade para que outros conteúdos, além dos formais, possam surgir e ganhar qualidade dentro do contexto escolar.

Para Costa (2012), no ambiente do museu, o professor pode levar os alunos a refletirem sobre o patrimônio, a olharem para objetos e pensarem sobre eles e, sobretudo, a indagar sobre os seus valores patrimoniais. Ainda, no museu pode-se pensar o porquê de tanta atenção institucional ao trabalho em torno do objeto, por meio do processo de escolha dos mesmos.

Portanto, o patrimônio cultural dentro do museu é recurso educacional inestimável para a cidadania e as construções das memórias e identidades, processos a que todo indivíduo tem o direito de participar. Conforme destaca Ribeiro (2005, p. 111), “patrimônio remete ao passado, porém, ele não pode ser avaliado apenas à luz do que representou”. É preciso reconhecer novos usos e perspectivas de interação com a sociedade que o define a partir de elementos que compõem sua identidade cultural.

Confirmou-se que, visitar o museu é entrar em contato com o modo de habitar/morar de uma determinada população em um determinado momento histórico. Até mesmo a casa onde funciona o museu, com sua arquitetura, traz em si

lembrança de uma época, pois ali, além das inúmeras fotografias que traçam o perfil do que foi o cotidiano da sociedade e da cidade, ainda se encontram objetos capazes de construir ou reconstruir as memórias da colonização do Município, como: garrucha, lampiões, máquinas de costura, rádio a pilha (único meio de informação e contato com o mundo exterior), lamparinas, utensílios domésticos como panelas e chaleiras de ferro, moedor e torrador de café, moringa de barro, ferro de passar roupa à brasa, entre outros.

3.3 Composição de um Museu no Colégio

Esta constitui a última etapa, ou seja, a montagem de um pequeno museu na escola com murais e banners com fotografias tiradas no museu e também o banner com fotografias do Museu “Deolindo Mendes Pereira”.

Figura 1 – Banner feito pelos alunos
Fonte: Dados do pesquisador, 2011.

Os alunos trouxeram objetos antigos usados pela população de Campo Mourão e que não eram mais utilizados, pois foram trocados pelas novas tecnologias, como por exemplo: ferro de passar roupa com o uso de brasa. Houve discussão com os colegas a respeito das formas de exposição destes objetos.

Foi aplicado um questionário (ANEXO 5) para ajudar na descrição e interpretação dos objetos e fenômenos culturais construídos e que representam a história local, usando a metodologia da Educação Patrimonial, segundo Maria de Lourdes Parreiras Horta.

A exposição de objetos pertencentes a familiares foi organizada de modo que compreendessem que o estudo da História é inesgotável. Foram trazidos vários objetos como: ferros de passar roupa, rádios, máquinas de escrever, fotos antigas de familiares, moedas, dinheiro, moinho de café, panelas, discos e outros.

A proposta de análise, de verificação de fatos e dos objetos que são tratados como indícios de traços culturais que foram trazidos e organizados de forma a serem interpretados no contexto da exposição no Museu do Colégio. Esse trabalho possibilitou outros saberes sobre si mesmo e de sua cidadania, sendo este transformado em fonte de reflexão, desde uma fotografia ou um copo descartável que faz parte do cotidiano, abrindo inúmeras possibilidades de estudos não somente sobre o passado, mas também para questionamentos da história dos objetos.

Figura 2 – Objetos trazidos pelos alunos da comunidade de Campo Mourão

Fonte: Dados do pesquisador, 2011.

Figura 3 – Objetos trazidos pelos alunos da comunidade de Campo Mourão

Fonte: Dados do pesquisador, 2011.

Os alunos se interessaram pela máquina de escrever e fizeram comparações com os computadores. Estudantes do 2º. Ano do Ensino Médio se Tornaram participativos, dando explicações sobre os objetos antigos aos demais alunos do Colégio, uma vez que, a exposição estava aberta para toda a comunidade escolar. Entrar em contato com esses objetos foi um exercício de rememoração de histórias contadas e recontadas por pais, tios e avós, buscando no passado, o que foi vivido e não viveram, ou algo de familiar que despertou um sentimento de empatia.

Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos foi de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas.

Com essa experiência, o grupo envolvido pode concluir que a existência de um museu é muito importante, mas não pode ser vista como a única forma de estabelecer uma relação entre o passado e o presente. É necessário construir uma mentalidade histórica, a qual possibilite que ao olhar o vestígio material, sendo ele em um museu ou não, consiga interpretar como um objeto histórico que passou por um contexto social, político ou cultural e que remete a construção da história da sociedade.

O contato com objetos e hábitos da sociedade vista pelo passado histórico e de grupos sociais, possibilita estudos que ajudam os alunos a perceberem a diversidade cultural da qual fazem parte.

4 CONCLUSÃO

É possível afirmar através dessa experiência didática e pedagógica, que o Museu “Deolindo Mendes Pereira” pode ser um espaço alternativo para o processo ensino-aprendizagem e que, pelo seu caráter lúdico, pode motivar o interesse pela História e pelo Patrimônio Cultural.

A teoria afirma e a prática cotidiana comprova que não basta só visitar uma exposição museológica e pensar que já ocorreu um processo educativo. É preciso entender as mensagens que foram propostas e construir novas significações partindo delas.

Portanto, é preciso ficar claro o que é patrimônio histórico. Neste sentido, o museu é uma fonte histórica que remete ao passado e apresenta muito da história local, servindo como elo entre objetos, alunos e o conteúdo estudado. Esta experiência proporcionou ao aluno a busca do conhecimento, despertando o senso crítico para a pesquisa, aliando-se à visita ao Museu Municipal com entrevistas a outras pessoas, consulta a livros, internet, etc.

Pode-se dizer que quando o aluno descobrir um objeto e apropriar-se dele intelectual e emocionalmente, escrevendo a história desse objeto como forma de produção de texto, sua capacidade de expressão crítica estará se revelando. A habilidade de interpretar os objetos e fenômenos culturais de um museu amplia a capacidade de compreender a realidade e o mundo, tendo em vista que cada época é marcada de valores e costumes da vida social e de suas formas de expressão.

Este trabalho propiciou ao aluno a compreensão de como se dá a construção do conhecimento histórico, motivando a crítica e a reflexão e tornando a própria História mais interessante.

Concluiu-se que é necessária a criação de pelo menos um museu em cada cidade, para que seja registrada a história local, bem como a memória, de maneira que o passado possa ser no presente objeto de reflexão e interpretação. Deve-se, no entanto, ter determinados cuidados ao analisar um museu. Isso porque é um lugar de memória, constituído por um acervo específico e que tem como objetivo celebrar/relembrar o passado.

As imagens e peças encontradas nos museus são instrumentos pedagógicos eficientes, pois possibilita o encontro com uma construção da

realidade, uma interpretação, com fatos concretos de um passado abstrato, que podem ser transformados em materiais didáticos importantes, para a constituição do conhecimento histórico do aluno.

A memória humana é seletiva, existem fatos lembrados e outros esquecidos. Assim, também é o museu. Ele não dá conta de todo o passado. Por isso, é importante conhecer a história da instituição visitada: origem, acervo, projetos e exposições. Além disso, os objetos do Museu não são portadores da “verdade histórica”, porém, não são neutros. Estes objetos são documentos/fontes históricas e como tais devem ser analisados. Eles constituem indícios culturais da sociedade que os fabricou.

Tudo depende do enfoque: celebração ou reflexão. As peças expostas representam uma história construída ou dada de acordo com as opções do acervo e objetivos da exposição. Muitas vezes, a instituição precisa recorrer a réplicas e banners para suprir sua carência de acervo (referente a um tema ou período) e enriquecer o cenário. No entanto, através de um enfoque crítico pode, o professor, permitir-se e permitir aos alunos uma nova interpretação visando à reflexão com questionamentos: o que está sendo privilegiado? O que está oculto? Por quê?

Para ensinar e aprender história local por meio dos museus é preciso elaborar um projeto que relacione a visita ao museu com a história local, onde seja possível perceber atividades definidas que esclarecem o que é museu e patrimônio, preparando os alunos para conhecer esse ambiente. Atividades que relacionam os objetos à história da cidade e à história dos próprios alunos e que permitam o estudo dos objetos como fontes históricas.

A visita deve propiciar a observação, reflexão e discussão dos alunos entre si e com o professor. Ali, no museu, a curiosidade do aluno é despertada, e ele faz questionamentos, percebendo que a história nunca é dada, nunca está pronta, é construída por sujeitos históricos. O próprio aluno se sente sujeito de sua história e com isso procura resignificar os objetos através de suas experiências e valores do presente. Depois da visita, é importante realizar atividades interativas que relacionem o que foi visto no museu com os conteúdos de sala.

Desta forma, uma visita planejada a um museu oportuniza aos alunos, mudanças, sendo o início de novas reflexões, possibilitando dividir indagações entre os colegas e também com o professor, sendo uma oportunidade de ampliar o universo e desenvolver o pensamento histórico, de modo que sejam capazes de

pensar nas condições sociais e educacionais em que estão inseridos. O entendimento histórico amplia a condição de cidadão, promovendo novas ideias e impulsionando a novas descobertas e transformações.

Sendo assim, os objetos não devem ser vistos apenas como guardiões da memória, mas serviram para "provocar" a História e serem utilizados como "evidências históricas", investigadas pelo aluno de modo a promover uma história interpretativa, como foi realizada nas leituras de fotografias e a análise dos objetos da comunidade e do Museu de Campo Mourão.

Referências

ALMEIDA**,** Adriana Mortara. Desafios da relação Museu-Escola. **Comunicação & Educação.** São Paulo, set./dez./1997.

BALLER, Gisele Inês. Museu – espaço de identidade. **Revista Museu**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/ artigos/art_.asp?id=13615>. Acesso em: 20 jul. 2008.

BRASIL- **DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937).**

BRASIL- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – **Lei nº** 9394/96

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm> Acessado em: dez., 2011.

COSTA, Carina Marins. **Uma casa e seus segredos**: a formação de olhares sobre o Museu Mariano Procópio. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/ handle/10438/2120>. Acesso em: 02 maio 2012.

CRUZ, Maury Rodrigues da. **Museu-reflexões**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas: Papirus, 2003.

HORTA, M. de L. P.(2000) O objeto cultural: Uma descoberta. In: **Monumentos e centros históricos**. Disponível em: <http://keronan.spaces.live.com/blog/cns>. Acessado em: 12 fev. 2010.

ICOM – International Council of Museums, 2001.

JUNGBLUT, C. A. **História regional**. Indaial: ASSELVI, 2008.

KERRIOU, Miriam Arroyo de. Museu, Patrimônio e Cultura: Reflexões sobre a Experiência Mexicana. In: **Patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH/SMC, 1992.

KRAMER, S. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museu. In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. (org.) **Infância e produção cultural.** Campinas: Papirus, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MARANDINO, Martha. **Interfaces na relação museu-escola**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6692>. Acesso em: 02 maio 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 27, jan.-jun. 2000.

_____. **Memória e cultura material**: documentos pessoais no espaço público. 1997. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_material_ulpiano_meneses.pdf> Acesso em: 06 jun. 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A história nos objetos. In: **A danação do objeto** – o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio da humanidade, cultura e lugar. **Diálogo**, DHI/PPH/UEM. V.9, nº.1, p. 111-124, 2005.

SANTOS, Reginaldo Aparecido dos. **Narrativas urbanas**: cidade, fotografia e memória. Toledo, 2010. (Dissertação de Mestrado em História);

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Bernardi, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Em sua opinião, é necessária a criação de um museu nas cidades?

Do que tratam as imagens e objetos do museu?

Os objetos dos museus remetem ao passado ou ao presente?

Que objetos podem ser encontrados em um museu?

Os objetos de um museu representam uma história construída?

Os objetos podem ser considerados fontes oficiais?

Explique com suas palavras a respeito de museu:

- ✓ O que é museu?
- ✓ Qual a diferença entre os museus de arte e os históricos?
- ✓ O que deve ser preservado, o que deve ser esquecido ou o que deve ser lembrado num museu?
- ✓ O que você entende por patrimônio histórico?

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

O que são fontes históricas?

Na sua concepção, o museu é uma fonte histórica? Justifique.

Que fontes você utilizaria para contar a história da sua vida?

Dê exemplos de documentos como fonte primária e secundária.

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES ANTIGOS DE CAMPO MOURÃO

O que você conhece a respeito do histórico de seu Município?

O que você sabe sobre sua cidade?

E sobre o Museu Deolindo Mendes Pereira?

Procurou-se descobrir:

A origem do nome: Museu “Deolindo Mendes Pereira”.

Qual a origem de seu Município?

Há quantos anos seu município é emancipado?

Se ele já pertenceu a outro município, cite qual.

Já teve outros nomes? Quais?

Qual a origem do nome da sua cidade?

Em que ano foi iniciado o povoamento de Campo Mourão?

Qual foi o acontecimento histórico que deu impulso ao progresso de Campo Mourão?

De que região do Brasil vieram os primeiros migrados para a introdução da lavoura permanente de café?

ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS APÓS VISITA AO MUSEU

O que você observou no Museu que lhe chamou atenção?

Qual a importância do museu para sua cidade?

Como o museu guarda os fatos contados através dos anos?

Você considera que tudo pode ser verdadeiro ou podem ser meias verdades ou mentiras?

ANEXO 5 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS NA MONTAGEM DE UM MUSEU NA ESCOLA

Qual o objeto selecionado?

De qual material é feito?

Qual o valor/significado para as pessoas (avós, pais, parentes, vizinhos) que o usaram, guardaram ou doaram?

Qual o significado para você?

O objeto está completo?

Para que foi feito?

É adequado para o uso pretendido?

Quanto vale este objeto?

É um objeto que poderia estar no museu? Por quê?